

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA GOELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Fillado no Sindicato

da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:

Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

D. Carolina Homem Cristo, ilustre Directora da interessante revista «Eva», publica no seu número de hoje, um artigo interessantíssimo, do qual transcrevemos alguns períodos: «O caso da Maria do Sol, desventurada mulher simples e pura que se desafrontou, violentamente, do saltador covarde e traçoeiro que, sem o menor escrúpulo, há tanto tempo exercia impunemente o deplorável mister de sedutor e perseguidor de mulheres, é hoje, creio, conhecido de toda a gente».

«Um grande conflito íntimo, uma agonia de dois anos e meio que terminou com um tiro...»

«Em todos os nossos agentes, Delegações e Sucursais do «Diário de Notícias» se encontram listas de inscrição que, depois de preenchidas, serão juntas á representação que será entregue ao Sr. Presidente da República, pedindo o indulto de Maria do Sol.

«E' preciso preenche-las rapidamente, senhoras da minha terra, para que o vosso gesto aproveite á prisioneira que nas Moinhas definha dia a dia. E' um dever cívico e um acto de consciência que deve passar á frente de tudo. Se não andardes depressa, perdereis a oportunidade de ter praticado uma acção nobre e dignificante.

Uma por todas e todas por uma, mulheres de Portugal, pela liberdade de Maria do Sol».

O nosso jornal associando-se a esta manifestação de solidariedade humana, faz votos, para que as mulheres portuguesas, vejam o seu nobre gesto, coroado dum êxito absoluto.

MAIS dois amigos que acabam de falecer: os Srs. Aureliano Ribeiro de Carvalho e Vitorino José dos Santos Pezames ás famílias.

SOBRE UM ASSUNTO MOMENTOSO

DA ILEGALIDADE A' INCOMPETÊNCIA

Nota-se em todos os ramos da actividade humana uma abusiva orda de intrusos audaciosos, com forte desplante que, sem resqúcio de ombridade, enveredam com falsos atributos de competência no campo que legalmente lhes está vedado.

Quer seja a occupação invadida a mais rude ou simplesmente modesta, como a do ferreiro, ou consagrada e liberal como a da medicina, em todas elas há elementos affectivos de verdadeira grandeza e nítido valor que se exalçam por seus méritos, emquanto outros inversamente se deprimem pelos seus processos.

Na medicina, por excelência uma das mais inclitas profissões, é onde melhor se encontra a má camaradagem proveniente das nulidades que se amesquinham, deprimindo igualmente a profissão que abraçaram e só podem desonrar com a sua falta de competência.

Enquanto uns se elevam na profissão escolhida com a dedicação e carinho de verdadeiros apóstolos do bem, outros sem bases scientificas, sem o tirocínio e estagios precisos na observação de doentes, criminosamente se entregam a êsse mister, indevidamente, pela ausência de faculdades precisas.

Segundo Paulo de Mantegaza todo o homem produtivo é um obreiro e todo o obreiro um operário cedendo o seu esforço, em diversos planos, na grande fábrica: o mundo.

Mas, se se considerar um núcleo de trabalhadores, todos com as mesmas aptidões, seria pecar por absurdo, é incontestavelmente mais do que ingenuidade admitir como bom trabalhador quem logra apenas produzir mau trabalho.

Estas considerações vêm adredes á conhecida questão dos falsos medicos, debatida com extraordinário relêvo na grande Imprensa e que por isso é do dominio dos nossos leitores.

(Conclui na pag. 8)

FOMOS dolorosamente surpreendidos com a noticia do falecimento da Sr.^a D. Luzia Fernandes dos Santos Settas, mãe extremecida do nosso querido amigo e camarada Alexandre Settas. Senhora dotada de virtuosas qualidades tornava-se querida de todas as pessoas que a rodeavam.

O seu funeral, foi bem uma tocante manifestação de saúde e nêle se incorporaram muitas centenas de pessoas.

Todos que nesta casa trabalham, avaliam a dôr que afflige neste momento o nosso camarada Alexandre Settas, a quem enviam o seu cartão de pezames.

EFECTUA-SE amanhã, domingo, ás 18 horas, (6 da tarde) na sala nobre do Salão Portugal, o jantar de homenagem ao Ex.^{mo} Sr. António Joaquim de Andrade, dignissimo chefe de policia.

Os promotores desta festa, estão orgulhosos da sua iniciativa, porque o número de convivas, que acorreu a inscrever-se, ultrapassou os limites da sua expectativa, mas também não era de esperar outra coisa tratando-se duma pessoa como o Sr. Chefe Andrade, que soube merecer a estima de todos os habitantes da laboriosa freguezia da Ajuda.

O nosso valoroso colaborador e querido amigo Ex.^{mo} Sr. Agostinho António, acaba de ter para comnosco um gesto que nos não surpreendeu, visto que bem conhecemos a sua nobreza de carácter.

As boas palavras embora imerecidas que o excelente amigo nos dirigiu, serviram para estreitar cada vez mais os laços de verdadeira camaradagem e amizade que por êle nutrimos, a quem abraçamos sinceramente.

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA—Telef. B. 552

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

A Questão das Aguas

Pela força das circunstâncias foi interrompida esta já longa série de arrazoados sobre a questão das aguas.

E' uma questão que escalda com as calmas da canicula; arrefece com as primeiras bâtegas do outono; gela com os dias chuvosos e frios do inverno; e mal chega a amornar com os dias tépidos e brandos do inverno.

Frívolo e volúvel o espirito do homem, quer coisas novas e leves que alimentem a sua futilidade; enfada-se com o frio e ponderado discorrer das almas pachorrentas.

Sobre esta magna questão estará tudo dito, ou haverá ainda muito a dizer? Muito há, sem duvida, ainda a referir; muito a ponderar, analizar e criticar. Mas nem a indole dêste pequeno quinzenário, nem a paciência do público o comporta, e portanto urge chegar a termo desta dilatada questão para que não lhe aconteça como á estafada área — ficar no final sem qualquer leitor.

No «Diario do Governo» de 31 de Dezembro do ano findo — que S. Silvestre lhe valhe — foi finalmente publicado o novo contracto entre o Governo e a Companhia das Aguas, nos termos das bases aprovadas pelo decreto n.º 22.028, publicado no «Diário do Governo» de 24 do mesmo mês, tendo sido rectificado o § 1.º da base XVI daquele decreto.

Neste contracto as bases são substituidas por outras tantas e correspondentes cláusulas. Agora, para ilucidação do público, vou, rápidamente, expôr as clausulas do referido contracto.

A clausula I trata das obras e dos seus prazos, conforme a base I já aqui analizada. Os prazos são os mesmos: 30 de Junho de 1933 para a conclusão da 1.ª fase; fim do ano de 1936 para a conclusão da 2.ª fase; a 3.ª fase será iniciada quando o consumo particular atingir 16.000.000 de metros cúbicos, e a 4.ª fase quando esse consumo atingir 24.000.000 de

metros cúbicos; por ano, deve entender-se.

O projeto para a execução da 1.ª fase, será apresentado pela Companhia á aprovação do Governo, no prazo de um mez a contar da aceitação das clausulas do contracto pela Assembleia Geral; o projeto para a execução da II fase, dentro do prazo de seis mezes a contar da assinatura do contracto.

A clausula II determina que concluída a 1.ª fase, é a Companhia obrigada a fornecer a agua disponivel correspondente á utilização completa de toda a secção de vasão do canal do Alviela e das outras fontes que alimentam Lisboa; concluída a 2.ª fase a fornecer até ao limite de 145.000 metros cúbicos; concluída a 3.ª fase, até ao limite de 200.000 metros cúbicos; e concluída a 4.ª fase, ou todas as obras do plano geral, até ao limite de 250.000 metros cúbicos por dia.

Define a *água disponivel* — toda a que entrar nos reservatórios e canalizações depois de deduzido 10% para corporações e fugas; determina qual a dotação gratuita do Estado — uma e meia vez o consumo particular. Até á conclusão da 2.ª fase, a dotação do Estado não pode exceder 13.000.000 por ano; nas duas últimas fases, o consumo do Estado não poderá exceder a sua dotação gratuita, logo que a soma desta e do consumo particular defira apenas de 2.000.000 metros cúbicos de agua disponivel correspondente á integral utilização das obras realizadas. Determina o preço do excesso do consumo do Estado, além da sua dotação gratuita — igual á soma das despesas de administração e exploração por metro cubico de agua consumida. A determinação do volume de agua consumida pelo Estado, acha-se fazendo a diferença entre a água disponivel e o total do consumo particular. Esse consumo será determinado mensalmente sendo comunicado ao Estado

que o liquidará anualmente por intermédio da Camara Municipal de Lisboa a quem pertence o pagamento. O Estado pode ceder a água da sua dotação para usos públicos e municipais mas não a pode vender ao público.

A clausula III trata do capital para execução das obras e instalação do primeiro estabelecimento até ao fim da 2.ª fase, a qual provém do actual fundo de obras novas, de todos os rendimentos disponiveis da Companhia e de nova emissão de acções e obrigações. O capital, em acções será elevado a 50.000 contos, representado por 500 000 acções de 100\$00 cada. Destas, 50.000 representam o capital actual, 200.000 serão entregues, liberadas, aos actualis acionistas, 4 por cada uma das antigas — são as acções de valorisação, ostensivamente diferenciadas das antigas por meio de um distintivo, e as restantes 250.000 serão oferecidas á subscrição publica. Estas serão nominativas, somente podendo ser subscritas por portugueses, tendo o Estado preferéncia em primeiro lugar, e os antigos acionistas em segundo, até ao limite de 4 por cada uma das antigas que possuírem, isto até ao numero de 200.000; as restantes 50 serão oferecidas ao público indistintamente. O Estado tomará todas as acções não subscritas. As acções de valorisação do capital, sómente, depois de concluída a primeira fase das obras, receberão 50% do dividendo integral, e somente depois de concluída a 2.ª fase, receberão este.

A Companhia devidamente autorizada pelo Governo emitirá obrigações ao portador de valor nominal de 500 escudos, até ao limite de 180.000, a uma taxa que não poderá exceder o juro fixado pelo Governo no momento da emissão. Esta emissão será feita em duas séries a primeira de 80.000 em Dezembro de 1934, e a 2.ª até 100.000 em Dezembro de 1935, podendo estas datas serem alteradas por determinação do Governo; a sua amortisação será feita ao par em 37 anos, a partir de 1 de Janeiro de 1934, podendo ser antecipado por de-

(Conclui na página 6)

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente
CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ
Louças de esmalte e vidros Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO
Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha
RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA FUNERARIA

DE Ant6nio Serapião Migueis

Calçada da Boa-Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra : Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

R E S I N A S

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações electricas

a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde : Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

DESPORTOS

O campeonato de "football" e a crise

O campeonato de Lisboa de *football* vai entrar, no próximo domingo, na segunda volta. Facto banalíssimo esse, que mal merecia duas linhas da nossa parte, se não houvessem circunstâncias que o tornam deveras interessante.

Dos dez clubes da divisão de honra que o disputavam, dois haviam de ser excluídos da segunda volta a fim de o abreviar. E, embora de começo logo se tivesse suspeitado quais seriam os dois inocentes degolados á ordem dos novos Herodes, o que é facto é que só agora se reparou na flagrante injustiça que se comete.

Dos dois clubes afastados, um, o Chelas, já há algumas épocas vinha fazendo o campeonato. A injustiça, portanto, do seu afastamento é notória, se se tiver em linha de conta que continuam a jogar dois clubes do distrito de Setúbal, este ano entrados na divisão de honra por artes de berliques e berloques.

Entretanto, porque se não deu igual privilégio ao Vitória de Setúbal, clube que o público da capital aprecia, como bastas vezes o tem demonstrado?

Se a entrada do Barreirense e do Luso do Barreiro no campeonato lhe vem acrescentar interesse — como diziam então os defensores dessa medida — muito mais interesse lhe daria o Vitória. Sobre isto não há duas opiniões.

Mas, nestas cousas da bola, é raro que a lógica seja acatada; por via de regra anda tudo ao contrário.

Pois o Chelas e o Sacavenense vão deixar de jogar, imolados aos superiores interesses dos dirigentes da bola. Entretanto, para que os sacrificados se não queixem, dá-se-lhes uma pequena percentagem nas receitas dos jogos a realizar pelos outros clubes — e está salva a moralidade. Esta só pelos demónios! Em vez de uma incongruência, temos duas!

Emfim, seja tudo pelos progressos do desporto!

A crise está fazendo sentir a sua mão de ferro — se me permitem esta figura... — sobre os pequenos clubes.

Ontem foi o Carcavelinhos que «tocou a reunir» para salvar o barco no mar difícil, revólto e traiçoeiro das receitas e despêsas. Agora foi o

Chelas que teve de adoptar idêntica tática, tam mal vão as cousas lá por casa. Amanhã caberá a vez a outros, porque o mal é geral.

O que se passa demonstra a necessidade de se cuidar a sério da organização desportiva. A criação de clubes quasi a paredes meias com outros já existentes é nociva á causa; e quanto mais sub-divididos estiverem os esforços dos que se dedicam a este assunto tanto mais insufficiente, caótica e nociva será, por vezes, a obra realizada.

A prática está aconselhando a concentração de energias. Assim, para obedecer a esta verdade, seria útil que em cada bairro, freguesia ou aglomerado de população se criasse ou se aproveitasse um clube, tornando-o um grande clube pela convergência de esforços, e abandonando tanto grupelho que para aí existe, sem condições de vida e sem possibilidade de fazer obra útil.

Não vejam os sócios do Chelas ou do Sacavenense a condenação dos seus clubes nas linhas que atrás deixo escritas. Estes clubes, creio-o bem, sofrem a concorrência dos tais grupelhos que também atrás mencionei. Se alguns devem desaparecer, esses serão certamente os clubecos sem vida, e que poderemos denominar — os nado-mortos.

Lucas Jr.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade faz-lhe a vista a aqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

A visita do nosso jornal ao Bairro Económico da Ajuda

Chegou finalmente o dia da nossa visita ao misterioso Bairro Económico da Ajuda. E dizemos misterioso, porque sobre ele se têm dito as coisas mais disparatadas. Que série de versões... E é cheio de entusiasmo e curiosidade, que para lá nos dirigimos. São 14,30 horas, e ao nosso encontro vem o ilustre engenheiro Ex.^{mo} Sr. Carlos António da Silva Martinho, que depois de lhe declinar-mos a nossa identidade, se prontifica a acompanhar-nos.

Começamos por visitar vários edifícios. Entrámos primeiramente num dos prédios tipo de 3 casas. O seu belo acabamento e a amplitude das suas divisões, torna-as atraentes.

Descemos. Agora paramos em frente do edifício da Escola Primária, uma das construções mais antigas do Bairro e que tem uma fachada detestável. Diz-nos o Sr. Engenheiro Martinho, que este prédio vai sofrer grandes modificações, de forma a ser completamente transformado o seu aspecto, que assim o tornará mais uniforme com os demais. E S. Ex.^a, leva-nos daquele local, procurando nada nos ocultar. Agora, encaminha-nos para os outros edifícios tipos de 4 e 5 divisões. São um verdadeiro encanto estas moradias, modestas sim, mas confortáveis, onde o sol entra a jorros e que dispõem dum terraço de onde se disfrutam soberbos panoramas. Isto, nos andares superiores, porque as habitações do rez do chão, todas dispõem de amplos jardins, já com os respectivos canteiros, onde flores serão plantadas, e que assim as tornará ainda mais interessantes. Escadas muito amplas e claras. As cozinhas, forradas a azulejos brancos, com portas deitadas para os terraços ou jardins.

Chegou neste momento, ao Bairro, o Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Duarte Pa-

“O Comércio da Ajuda” transmite aos seus leitores as gratas impressões colhidas durante a sua visita, e publica interessantes pormenores, devidos á amabilidade e gentil deferência do Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Carlos Antonio da Silva Martinho, para com o nosso jornal

checo, ilustre Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que se fazia acompanhar do Ex.^{mo} Sr. Major Gomes da Silva, Director Geral do seu Ministério e secretários, que foi verificar do estado de adiantamento em que as obras se encontravam. O Sr. Engenheiro Martinho, comunica ao Sr. Ministro o motivo da nossa visita, tendo-se S. Ex.^a dignado posar para o nosso jornal.

E deixámos o Ministro entregue ás suas observações, notando-se-lhe no semblante, grande satisfação, por tudo que se lhe deparava.

Momentos depois, volta o nosso amável cicerone. Vem sorridente o Sr. Eng.^o Martinho que nos pede o desculpem-se por se ter au-

sentado por momentos. Este homem por quem temos verdadeira admiração, arrasta-nos agora, para o Reservatório em beton armado, e que se destina ao abastecimento de agua para o Bairro. Foi escolhido para local da sua construção, o ponto mais elevado, atingindo uma altura total de mais de 24 metros. Tem a capacidade de 300 metros cúbicos, é cilíndrico, tipo castelo de água, montado sobre torre. Como se trata de um depósito para agua potável, deu-se-lhe uma disposição apropriada para que se efectuassem limpezas periódicas, sem interromper o abastecimento. Com essa disposição, conseguiram-se dois depósitos, aos quais se poderá dar funcionamento independente. Na parte mais alta da cúpula, há uma chaminé de ventilação que facilita também o acesso ao exterior. Os pilares em número de seis, são ligados inferiormente por uma viga de fundação e devidamente traventados. Na altura do último traventamento superior, estabelecer-se há um pavimento de serviço, cons-

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas médicas diárias

Serviço nocturno ás quintas-feiras

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Arram-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

tido por uma lage de beton armado e convenientemente resguardado por um gradeamento de ferro. A comunicação com este pavimento, é feita por uma escada exterior com um corrimão.

Desta forma, e com um trabalho tam importante de engenharia, ficará absolutamente assegurado o abastecimento do precioso liquido.

Dirigimo-nos agora para o monumental balneário, composto de trez planos. Assim, no primeiro ou cave, ficam os compartimentos destinados á caldeira, depósitos de carvão, lenha e retrete. Exteriormente dispõe de uma escada que lhe dá acesso para o exterior e rua. No pavimento do segundo plano, ficam as divisórias seguintes: Um átrio central, que dá entrada aos locais destinados aos homens, mulheres e ao serviço. Tanto na parte destinada aos homens como ás mulheres, existem trez cabines com tinas para banhos de imersão, cinco cabines para banhos de chuveiro e um compartimento de chuveiros colectivos para crianças (embora cada chuveiro possa funcionar isoladamente ou em conjunto). A parte destinada a serviço, tem compartimentos para arrecadação, serviço de roupas, retretes, mictórios e lavabos para homens, bem como retretes e lavabos para mulheres. Serve-lhes de acesso

uma escada que liga o primeiro ao terceiro plano.

Nada faltou neste grande trabalho. Para evitar a entrada de águas fluviais no interior do edificio, foi colocada uma placa que forma a cobertura e que é revestida de um induto especial.

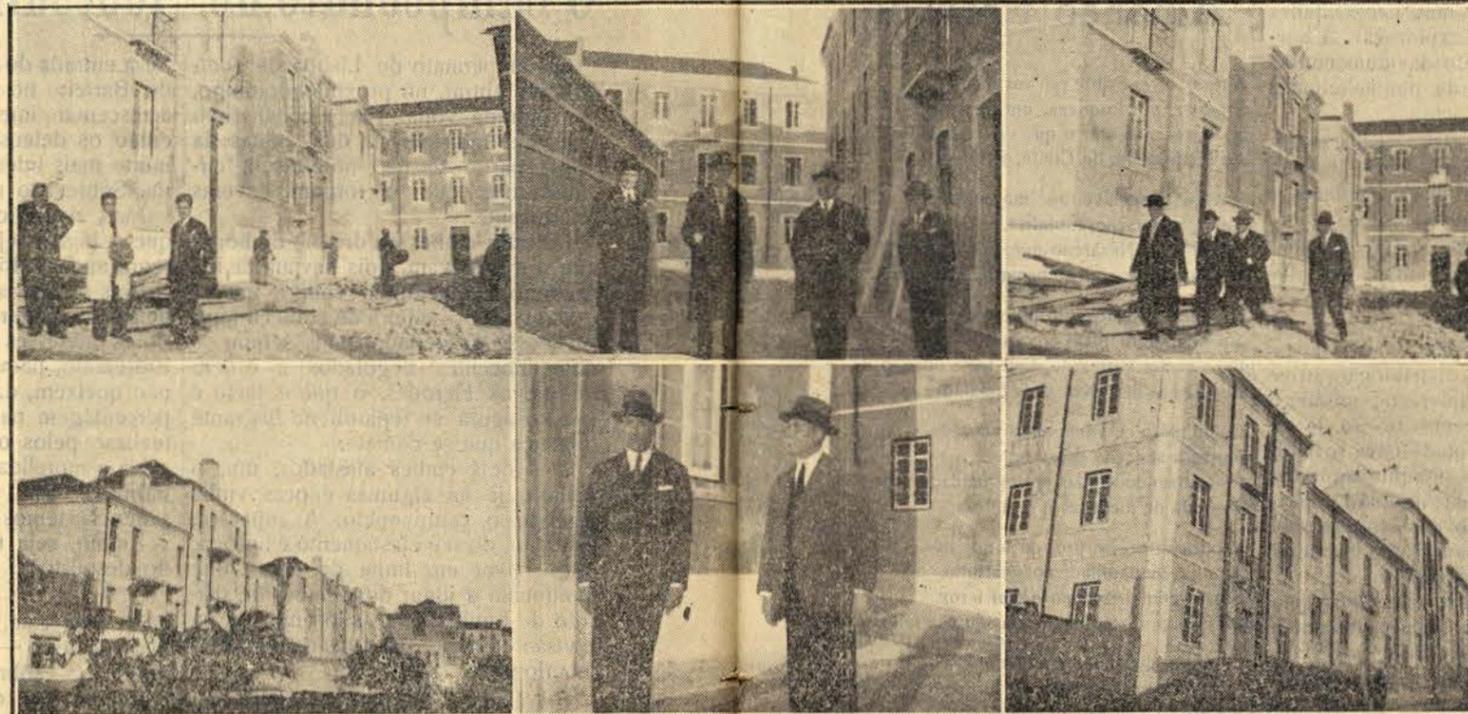
Deveras maravilhados com o que acabávamos de presenciar novamente sômos levados por esse grande engenheiro, que faria boa figura em qualquer país onde se encontrasse, pela sua grande competência e actividade pouco vulgar; agora, para nos apresentar o seu grande auxiliar, o mestre Ferreira, como é tratado, o Sr. Francisco de Sousa Ferreira, que dedica tanto carinho ao Bairro, como se duma propriedade sua se tratasse. Nota-se nêle também, uma grande energia; e aproveitando o afastamento por momentos do Sr. Engenheiro, não pode ocultar-nos a admiração que por ele nutre, de quem nos faz as referências mais elogiosas, dizendo-nos que só um homem daquela tempera, poderia ter realizado em tam pouco tempo, trabalho tam grandioso. Convém dizer que S. Ex.^a, para levar a bom termo a colossal obra, se rodeou de pessoal de sua inteira confiança.

Assim, além do mestre Ferreira, três fiscaes cheios de vontade e conhecimentos, os srs. Manuel Diogo Neto,

Manuel L. Rocha e Antonio Duarte, completam este grupo de dedicados e valores.

Merece tambem referencia muito elogiosa o Sr. Jorge Diniz Farinha, chefe da Secretaria do Bairro, que sabemos ter dedicado toda a sua energia e vasta competência a esta importante obra. Tem sido u-

Quando já nos preparava-mos para retirar, somos convidados a visitar os 17 estabelecimentos que deitam para a Travessa da Boa-Hora, e onde os moradores do Bairro encontrarão à venda, o peixe, ortaliças, carnes, pão,



Da esquerda para a direita e de cima para baixo: O nosso director, acompanhado pelos nossos colaboradores e anunciantes srs. Francisco D. Resina e João Alves, na sua visita ao Bairro. — Os srs. engenheiro Leite Tavares, engenheiro Duarte Pacheco (Ministro das Obras Públicas e Comunicações), major Gomes da Silva e engenheiro Carlos A. S. Martinho posando para "O Comércio da Ajuda". — O sr. engenheiro Duarte Pacheco e a sua comitiva visitando as obras do Bairro. — Uma vista do Bairro. — O sr. engenheiro Carlos A. S. Martinho e o mestre geral sr. Ferreira. — Outro aspecto do Bairro.

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanchete, Retrozeiro, Roparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE ANTONIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128

AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde sêr adquirido gratuitamente:

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA



Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA

TELEFONE BELEM 520

Pérola do Cruzeiro

DE
JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade

Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — LISBOA — Telef. B. 634

etc. sem que necessitem deslocar-se para longe. Ficam uns estabelecimentos muito amplos e bem arejados, o que constitui um grande melhoramento.

Estamos encantados com tudo que vimos, apenas notando uma falta, que nos apressamos a enumerar, certos de que seremos atendidos: É a criação dum posto Telegrafo-postal, pois o que existe ao tópo da Calçada da Ajuda, não aproveita a ninguém e facilmente se poderá desde já adaptar qualquer dos novos edificios, a Estação dos Correios, ficando assim o Bairro com tudo de que carece.

Os arruamentos, passeios e sargefas, são feitos pela Direcção das obras do Bairro. A Camara Municipal de Lisboa unicamente construiu a Esquadra de Policia e tem em acabamento o Lavadouro Público e a Estação de Bombeiros, que se encontram ainda muito atrasados.

Dentro de dias serão montadas as instalações electricas para iluminação do Bairro, não estando ainda definitivamente marcado o dia da sua inauguração.

E agora que acabamos de abandonar esta pequenina cidade encantada, que albergará 375 familias ou seja uma população de 1.500 pessoas, compete dizer que a obra, iniciada em 1918 e tantas vezes suspensa por razões de vária ordem que melhor será não esmiuçar, pois nela se praticaram verdadeiros vandalismos, tantas vezes se inutilizando o que estava feito, para recommear no dia seguinte e voltar a inutilisar mais tarde, tornando-se em verdadeiro sorvedoiro dos dinheiros publicos — vai ter enfim o seu epilogo, o que bastante nos regosija.

O Comércio da Ajuda, não esquecendo a maneira gentil como foi recebido pelo Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Carlos Antonio da Silva Martinho, manifesta a S. Ex.^a o seu maior agradecimento.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

A QUESTÃO DA ÁGUA

(Continuado da página 2)

terminação do Estado, sendo o serviço das obrigações tanto no que respeita ao juro como á sua amortização, garantido pelo Estado.

Em conta especial na Caixa Geral dos Depósitos, enquanto durar a execução das obras, será depositado o capital realizado pela comissão de acções e obrigações e 40% das receitas efectivas, sob a rubrica — Companhia das Aguas de Lisboa obras e instalações do primeiro estabelecimento. Os restantes 60% das receitas serão anualmente depositados na C. G. D. deduzidas as despesas correntes á ordem da Companhia, que os mobilizará consoante as suas necessidades de administração e exploração. A percentagem de depósito das duas contas poderá ser modificada por solicitação da Companhia.

A clausula IV, indica quais as receitas da Companhia — o rendimento da água, o aluguer dos contadores e quaesquer outros rendimentos.

A clausula V indica quais os seus encargos ordinarios — despesas de administração e exploração; despesas de conservação, amortização e aquisição de contadores; despesas com o alargamento da rede de distribuição; dividendo ao capital acionista; anuidade para o fundo de reconstituição do capital acionista; anuidade para o fundo de amortização dos maquinismos das estações elevatorias; anuidade para juros e amortização das antigas obrigações; anuidade para juros e amortização das novas obrigações.

A clausula VI cria o fundo especial chamado «Fundo da Cidade» destinado á execução das obras da 3.^a e 4.^a fase, compensações por diminuições de consumo imprevisito no momento da fixação do preço da agua, e a melhoramento dos esgotos da cidade. E este fundo constituido pelo saldo do fundo

de obras, se o houver depois de executadas as obras da 2.^a fase, e o excesso das receitas ordinarias sobre os encargos ordinarios.

A clausula VII quais os encargos que serão pagos pelo rendimento do aluguer dos contadores e outros rendimentos — a anuidade para o serviço de juro e amortização das antigas obrigações; a anuidade para reconstituição do capital acionista; a anuidade para a amortização dos maquinismos das estações elevatorias; a anuidade para conservação, amortização e aquisição de contadores.

Havendo excesso, será atribuido ao Fundo da Cidade.

B. S.

Amor ao Próximo

Apesar de ser rude por instinto
E talvez, por fraqueza, um pecador,
Eu devo confessar o que em mim sinto
Ao lembrar-me de Cristo, Redentor.

É respeito inefavel que me invade,
Amor, veneração, idolatria,
P'lo grande Nazareno que, em verdade,
Ao mundo lançou a chama que nos guia.

Humilde e sacrosanto pioneiro
Do mais puro ideal apregoado,
Foi excelsa afirmação dum forte obreiro
Ensinando um viver mais igualado.

Como astro culminante da verdade
Impoz a sedução dessa beleza,
Preconizando a mais pura igualdade
Despida de mentiras e grandeza.

Sacrificou-se em prol de todos nós,
Amou a humanidade com carinho,
Sofreu com heroísmo o mal feroz
Mas deixou belo rastro em seu caminho.

E, agora, decorridos tantos anos,
— 'Inda não há o culto da bondade! —,
Na vida só se notam tristes danos
Sendo palavra vã: FRATERNIDADE!

Alexandre Settas.

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE **João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

QUESTÕES SOCIAIS

O TRABALHADOR PORTUGUÊS

Apontámos no nosso último artigo como vítima imediata da crise económica que avassala o mundo e como alvo quasi exclusivo das suas consequências, de um modo geral e segundo nossa opinião pessoal, o trabalhador.

Continuando a mesma serie de estudos sobre alguns aspectos do problema social, vamos analisar hoje em especial as condições de vida do trabalhador português, focando alguns aspectos da sua actividade adentro do trabalho nacional.

Num país como o nosso, em que não há uma mentalidade acentuadamente industrial, comercial ou agrícola, lógico é não ter qualquer destes ramos da actividade, o grau de prosperidade que não seria demasiado exigir.

Forçoso é reconhecer não podemos ser apontados como um povo industrial, porque não temos uma industria á altura das nossas necessidades; como um povo agrícola, porque não tiramos da terra que nos baste para nosso sustento; como um povo de comerciantes, porque o nosso comércio não vive da troca do producto nacional pelo estrangeiro, mas sim da troca entre o produtor e o consumidor nacionais.

E' de muito reduzida expansão o beneficio económico do trabalho nacional. E para não deixarmos apenas em palavras as nossas afirmações, vamos apoiar o que dissémos, esbudando-nos na frieza cruel dos algarismos.

Façamos um exame comparativo dalgumas actividades do trabalho nacional com o estrangeiro.

Vejamos a produção do trigo no ano de 1928. (Boletim de Estatística e Informação Agrícolas).

Número de quintais métricos de

produção, por hectare semeado: Portugal, 4,70; Espanha, 7,80; Italia, 12,53; França, 14,59; Alemanha, 22,03 e Belgica 30,62.

Sem comentarios.

Transportando-nos a outro dos mais importantes sectores da nossa actividade — a pesca — vejamos o valor global do seu rendimento por unidade de trabalho: O rendimento do pescador português foi, no ano de 1928, de Esc. 3.995\$62. A média anual do pescador inglês, no mesmo periodo, foi de L 358,9, cêrca de 36 contos, isto é, nove vezes superior. (Comandante Marcelino Carlos).

Vejamos ainda um terceiro exemplo que nos serve de indice indicador do formidável desnível de custo entre a produção industrial portuguesa e a estrangeira.

Certa qualidade de papel, de que se faz larga importação, ficou, mercadoria posta no Tejo, (todos os transportes incluídos) ao preço de Esc. 15\$25,4 por unidade (resma). Para protecção do trabalho nacional a mesma mercadoria é agravada na alfandega com a sobrecarga pantal de 17\$25,6 (113%) pelo que fica ao importador pela quantia de 32\$51. Mas — pergunta-se — ficará depois deste agravamento o produto nacional em condições de concorrer com o produto estrangeiro? — De forma alguma: o produto equivalente nacional é posto no mercado á razão de 34\$32 com a agravante de não concorrer em qualidade e apresentação com o produto estrangeiro!

O exame reflectido e desapaixonado dos numeros que servem de expoente ás trez actividades que analisámos — agricultura, pesca e industria — levamos á conclusão bem triste das fracas e reduzidas condições do trabalho nacional. «A industria é a vida dum estado civilisado». (Levoisier).

Num país em que a industria não seja a *mola real* impulsionadora das outras actividades, nunca será de grande desafogo económico a vida dos seus cidadãos. Num país como o nosso, em que essa deficiência é agravada ainda por vícios de educação e organização, será de negra e cruciante miséria a vida dos seus trabalhadores.

E' triste a condição do trabalhador português.

A reduzida capacidade creadora do trabalho nacional não permite retribuir ao trabalhador os meios materiaes suficientes para poder disfrutar o conforto que a civilização lhe pode proporcionar.

Creado sem a mais rudimentar instrução técnica profissional, analfabeto ou pouco menos, sem ter sido educado e encaminhado no sentido da solidariedade colectiva, o trabalhador português tem vivido ao deus-dará, nem sequer sentindo a necessidade de se organizar no sentido de reagir contra os factores que o colocam nessa semi-escravidão. Não tem habitação condigna — vive quando muito em infectos tugúrios onde mal entra o ar e o sol.

Não tem escolas técnicas profissionais onde possa fazer a sua especialização — aprende á custa de sacrificios a sua instrução profissional.

Não tem creches para onde possa mandar os filhos — por isso eles morrem logo, quando doentes. Não tem assistencia médica e material quando na doença; não tem um seguro que lhe garanta, e á familia, um subsídio quando na invalidez, mas tem, em compensação, quasi certa, quando nêsse estado, e ao cabo de uma vida de exaustivo labor, a miséria, a fome, a tuberculose.

Embora se possa atenuar a situação triste do trabalhador por uma politica de robustecimento vital das actividades creadoras e por uma colaboração leal entre capital e trabalho, essa atenuação, a dar-se, não resolverá o problema, porque mal de tão grande

LIBREIRO, L. DA

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Loaças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mēsa

LICORES E TABACOS

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220



PALATINO

Rua Filinto Elísio (Santo Amaro)

TELEFONE B. 99

O melhor e mais bem frequentado cinema da parte ocidental de Lisboa.

Sábado 18 e Domingo 19
às 21,15 horas

Domingo, 19—Matinée às 15,30 h.
As surpreendentes super-produções

RAPARIGAS DE UNIFORME
E
Ricardito lobo do mar

Dias 20 e 21—SOB UMA FALSA BANDEIRA
e o filme portuguez LUCROS ILCITOS

Dias 22 e 23—Greta Garbo e Ramon Novarro em MATA-HARI
e LEVA-ME ESTA CARTA !

Dia 24—NÃO HA ESPECTACULO

Dias 25, 26, 27 e 28 — GRANDIOSOS ESPECTACULOS
E BAILES DO CARNAVAL — GRANDES SURPREZAS

Dia 1 — NÃO HA ESPECTACULO

Dias 2 a 5 -- A FERA DA CIDADE e AMOR FRATERNAL

Da ilegalidade à incompetência

(Continuado da página 1)

Ora, a esse propósito nós não concebemos a razão, senão forçadamente, de se haver considerado competentes, por mais de dois lustres, no ministrar dos *récipes*, na aplicação dos tratamentos, no exame de casos patológicos, os indigitados indivíduos que agora são ferreteados com o vexatório epíteto de criminosos e aos quais a Justiça, muito bem, exigirá a responsabilidade, não sabemos se dos pretéritos actos praticados, se da circunstância do exercício ilegal de medicina.

Longe de nós a benévola tendência para esboçarmos sequer um ténue arremêdo absolvidor dessas culpas e bem contrária a suposição de nos penalizar o seu insucesso actual.

Mas como a lógica é uma das funções naturais dos cérebros que raciocinam, uma dúvida atinge o nosso espírito: Seriam na realidade de conhecida incompetência clínica esses indivíduos, que contrapõem às

extensão não se rendo a simples paliativos.

Há que remodelar, deixar entrar pelas janelas as correntes creadoras duma nova mentalidade, remodelar desde os alicerces a estrutura da sociedade, para que o Homem deixe de ser enfim escravo da necessidade fisiológica do seu estômago, que o obriga ainda em pleno seculo XX a ser escravo de outro homem! E temos esperança que, décadas volvidas, haverá na terra um dia uma justiça humana, perfeita — Justa!

Afonso C. Aço.

acusações formuladas por uns a opinião livre e reconhecida de outros?

Teriam medicado, inofensivamente já se vê, *óxido de hidrogénio* e conseguido com esse maravilhoso liquido melhores resultados do que se os seus consulentes houvessem tomado o que a Companhia das Aguas nos fornece com mais ou menos bacilos?

Preconisariam êles ás suas clientes as célebres pilulas de *mica-panis*, para os efeitos concludentes em vista?

E' possível. E se assim foi, os resultados curativos que disso advieram, embora por sugestão, foram os mesmos colhidos por quem, aliás um médico ilustre, conseguira ao receber gotas de água dissolvidas em... água, para curar uma pertinaz doença do sistema nervoso, e — o que é de pasmar! — também o que outro seu colega conseguiu com bolinhas de pão, envolvidas em licopódio, tomadas por droga emmenagôga e que provocaram um aborto no terceiro mês de gestação:

Com um bocadinho de argúcia e a precisa influência e verbosidade, um bom advogado, indo de dedução em dedução, facilmente lhes atingirá a aura que esses senhores precisam para coroar os seus feitos. E' tudo questão de ambiente, de sorte e de habilidade.

Depois, até seria possível que os vindouros os cotassem pela craveira dos mais perfeitos suggestionadores, dignos émulo do curandeiro de Nancy ou, até mesmo, lhes emprassem a fama, os créditos e o turbulo onde se insensa a competencia

e os feitos do imortal Charcot que, na verdade não era um intrujão.

* * *

Final a psicologia das multidões é sempre a mesma. Os ídolos vivem embalados na alma de quem se prosterne junto dos seus pedestais, só até ao momento em que a Parca os derruba. Esses hipocráticos senhores que deveriam suportar com o arrojo dos seus processos a contumaz e servil lisonja dos necessitados e as naturais acometidas dos seus legítimos detractores, foram sempre resistindo habilmente até que baquearam, porque a excessiva confiança no seu nome, a que emprasavam uma falsa categoria, os traiu pelas continuas receitas de alcalóides que receitavam e lhes abalou o conceito a ponto de se perderem.

E apenas por isto, o que é irrisório.

Quanto ao resto, o capítulo competencia é muitas vezes enquadrado nos factores sorte e observação.

Logo, questão de salvação tortuito porque milagres ninguém os faz, de acuidade analítica ou inérra observação porque, a par dos médicos que analisam para diagnosticar com segurança, outros nos aparecem levemente a pronunciarem-se com hipóteses extravagantes, tal como a dum médico diplomado que classificou como um útero de donzela, a radiografia do maxillar duma velha desdentada!

De mais é da sabedoria das nações que *errare humanum est* e ainda recentemente esta asserção foi reforçada pelo juízo dum distinto clínico que afirmou, referindo-se a um seu colega afamado professor e tido como uma sumidade: «há cirurgiões com **C** pequeno que são cientistas com **C** ainda menor».

Alexandre Settas.

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacoutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA Terça-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4.^{as} feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 6 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telefone B. 456